

Prémio Literário Infantojuvenil Manuel Lopes

Júlio, o rapaz desaparecido

Elianora

Era uma vez um rapaz chamado Júlio que, num dia de muito sol, foi passear na Assomada, uma cidade no interior da ilha de Santiago, e desapareceu misteriosamente.

A manhã acabara de nascer quando se juntara ao grupo de colegas da escola para uma visita de estudo a Santa Catarina, a cerca de 40 quilómetros da cidade da Praia, capital de Cabo Verde.

Entrara no autocarro, alegre e sorridente, como era seu costume e não parara de cantar até o motorista estacionar mesmo junto ao pelourinho de onde chegava o cheiro de legumes e frutas frescas.

Depois de todos terem visitado o mercado onde saborearam suculentas mangas, partiram em direção à aldeia da Boa Entrada para observarem o *Pé di Polon*, a maior e mais antiga árvore de Cabo Verde, com mais de 500 anos. Foi aí que deram pela falta do Júlio.

Procuraram à volta do tronco gigante sobrevoado por garças vermelhas. Entre as rijas saliências existem vários possíveis esconderijos. Mas Júlio não estava em lado nenhum.

Júlio! - chamou a professora

Júlio! – gritou o professor.

Júlio! – chorou a sua pequena amiga.

Mas o Júlio não apareceu.

Aflitos, os professores e colegas percorreram o parque em redor, procuraram nas escadarias, nos vários caminhos de terra batida e na esplanada e chamaram durante muito tempo: Júlio, ó Júlio!

Mas o tempo corria e o Júlio não aparecia.

Onde estará o Júlio? perguntavam todos.

As horas passaram, o sol estava quase a desaparecer e eles não podiam ficar mais tempo. Tinham de voltar ao autocarro e regressar à Praia.

Tristes e desanimados os professores foram imediatamente dar a notícia aos pais de Júlio que ficaram desesperados.

Depois dirigiram-se à polícia e comunicaram o seu desaparecimento.

Passaram dias, passaram noites e o Júlio não aparecia.

Toda a gente queria encontrar o Júlio, que era um rapaz muito simpático e muito curioso. Queria saber sempre a razão de tudo e sorria facilmente das coisas belas que o emocionavam.

Na Boa Entrada já não havia mais por onde procurá-lo. Talvez se tivesse perdido e estivesse algures, em qualquer terra do concelho de Santa Catarina a que a Assomada pertencia. Ou talvez tenha conseguido uma boleia para voltar à Praia e tenha acontecido algo pelo caminho.

O melhor era procurá-lo nos sítios que ele mais frequentava na cidade da Praia.

O JARDIM E AS MARIONETAS

A praça onde Júlio costumava passear, era bela demais. Era um lugar quase mágico com um coreto no meio, onde ao domingo havia sempre música e um mar de gente em volta: as avós, os netos, os miúdos mais crescidos andando de bicicleta e alguns cãesinhos, à trela, de orelha espetada.

Mas o que o Júlio mais gostava era do Teatro de Marionetas. O senhor Tonecas trazia sempre os seus “amigos” de pau – Dona Conchita, a professora, Zacarias, o barbeiro, o palhaço Bonifácio e a mais linda de todas, com olhos azul de mar, duas tranças no cabelo e sorriso de morango, a bailarina Estrelita.

Apesar do calor, o senhor Tonecas, de cartola e megafone, anunciava a matiné com uma música linda daquelas que esvoaçam e acordam a Primavera... 1, 2, 3, o pano negro corria e, à janela, com uma flor amarela no cabelo aparecia Estrelita que sorria e rodopiava sobre uma perna sem parar. E Júlio, fascinado, não parava de sonhar....

JORGE, O MELHOR AMIGO

Do jardim e do teatro de marionetas, já se sabia que o Júlio gostava. Mas quase ninguém conhecia os seus sonhos e os seus segredos, para saber onde melhor o procurar. Quase ninguém, menos o Jorge.

O Jorge era o vizinho do Júlio. Desde muito pequeninos que brincavam juntos no jardim e distraíam-se, durante horas, a juntar as pedrinhas pequeninas do caminho. Depois agrupavam-nas em montinhos diferentes, junto a um canteiro de flores e com elas construíam casas, pontes e castelos.

O Jorge e o Júlio tinham aprendido a ler ao mesmo tempo. Podia-se dizer que eram os melhores amigos. E por isso, toda a gente ia ter com o Jorge para lhe perguntar:

- Viste o Júlio?

- Sabes do Júlio?

- Onde está o Júlio?

E o Jorge sentia-se triste e aflito por não saber onde estava o Júlio e por não imaginar para onde teria ele ido.

Na noite do seu desaparecimento, quase não dormiu a pensar onde poderia estar o amigo. Já sabia que ele era rapaz para ir atrás de alguma coisa que o entusiasmasse e esquecer tudo o resto. Mas, e se tivesse sido raptado? E se tivesse caído nalgum buraco e ninguém ouvisse os seus gritos?

Os dias iam correndo e, uma manhã, ao passar por uma frondosa árvore, Jorge lembrou-se de uma conversa que tivera com o amigo, há meses, enquanto tentavam ver qual dos dois conseguia trepar até ao ramo mais alto e apanhar mais frutos que dançavam entre os ramos.

-Um dia, heide fazer um cruzeiro, vais ver.

- Vais ter de crescer, primeiro, respondeulhe Jorge.

- Porquê?

- Não aceitam crianças sozinhas em cruzeiros.

- Queres apostar que eu conseguia entrar num navio, ali no porto, sem que ninguém reparasse?

- Pode ser que conseguisses, sim... mas porquê que querias fazer um cruzeiro?

- Para ver o mar...

- O Jorge riuse. Estás numa ilha, caramba. Tens mar sempre à volta. Basta ires até àquele muro e pronto, disse apontando para o outro lado da rua.

- Ah, mas num cruzeiro podes passar muito tempo, de noite e de dia, sempre a ver o mar.

Foi essa conversa que Jorge, de repente, se recordou, ao passar pela majestosa árvore.

SAUDADES DO JÚLIO

A família de Júlio estava inconsolável desde o seu desaparecimento. Voltavam várias vezes à Polícia para saber se havia alguma notícia, alguma pista nova sobre o seu paradeiro.

Fazem muito bem em perguntar dizialhes o agente que estava de piquete compreendendo a aflição dos pais. Mas infelizmente não havia notícias novas que os sossegassem. A Polícia estava a fazer todos os esforços para encontrar o menino desaparecido. A sua fotografia já estava afixada nas paredes das ruas, das escolas e em todos os aeroportos do arquipélago e até já tinha aparecido na televisão.

Colegas e professores também tinham posto a foto do Júlio sorridente a circular nas redes sociais, com um pedido: “Se alguém viu este rapaz, por favor contacte para o 918 000 444.”

Ninguém compreendia como e porque tinha Júlio desaparecido... um menino inteligente, bom aluno, divertido e sonhador.... O que teria acontecido?

Aflita, a mãe andava de um lado para o outro no quarto do filho, olhando em volta, para livros, brinquedos e fotografias, à procura de algo que a pudesse ajudar a desvendar o mistério.

Em cima da secretária, estavam alguns livros da escola e um caderno com desenhos e escritas, assim ao jeito de diário gráfico. Nada que levasse à explicação do desaparecimento de Júlio.

Do álbum de fotografias retirou uma carta que Júlio escrevera aos pais quando passava férias com os avós, na ilha do Fogo. Como ele gostava de ler, já escrevia muito bem.

“Queridos mamã e papá

Estas têm sido as melhores férias da minha vida.

Acordo sempre com o galo a cantar e quando me levanto a avó fazme um apetitoso pequeno-almoço com ovos fritos, torradas e café com leite. Depois vou com o avô dar de comer às cabras e aos porcos – sempre com os cães - o Ringo e a Pituxa - atrás. O avô comprou um burro e deixame montar nele.

Já aprendi a andar de bicicleta e só caí duas vezes mas não me magoei.

A avó fazme doce de leite e bolo de côco. Ela e as amigas pedem-me para ler histórias e batem muitas palmas. Às vezes são elas que contam histórias.

Tenho muitas saudades vossas e da mana.

Beijinhos do Júlio”

Quando o pai abriu a porta, viu como as lágrimas corriam no rosto atormentado da mãe e abraçaram-se ternamente tentando animar-se um ao outro. Não podiam perder a esperança!

MISTÉRIO

O Jorge baixou as notas. Nunca fora um aluno tão bom como o Júlio que, mesmo sem dedicar muito tempo ao estudo, conseguia obter as melhores classificações. Mas era interessado e, sobretudo, gostava de Ciências, especialmente de biologia marinha.

Gostava de aprender tudo o que dizia respeito à vida nos oceanos, a milhares de metros de profundidade. Fascinava-o o fundo do mar. Os peixes de todas as cores e dos mais diversos tamanhos que deslizam pelas águas frias e quentes. Os cardumes a deslocarem-se com habilidade entre as rochas, cruzando-se com peixes grandes e velozes. Os polvos com os seus tentáculos, os caranguejos e os camarões, as baleias e os tubarões. E as plantas coloridas, os corais e as pérolas brilhantes. Tudo isso o encantava e nisso, sim, era o melhor.

Mas agora, a preocupação pelo desaparecimento do seu amigo Júlio, não o deixava concentrar-se. Nos últimos dias, a professora estava sempre a chamá-lo à atenção:

- Jorge, o que estava eu a dizer? Ó Jorge, mas para onde estás tu a olhar? Jorge, presta atenção!

Ele bem tentava, mas tudo lhe lembrava o Júlio e o seu pensamento levava-o para longe, explorando todas as possibilidades de sítios onde pudesse encontrar o amigo.

A Leonor, sua colega desde o jardim infantil, era a que mais parecia compreender a sua inquietação. Os seus grandes olhos brilhavam no rosto adornado pelos lindos caracóis, tentando tranquilizar o amigo:

- Ele vai aparecer, vais ver. E vou ajudarte a procurá-lo - prometeu.

Nesse domingo, Leonor foi ter com Jorge e dirigiram-se juntos para a praça.

Era a milésima vez que Jorge voltava à praça, o sítio preferido do Júlio. Quem sabe descobririam, desta vez, alguma pista?

Já passara várias vezes nos locais onde costumavam brincar: o recanto junto ao muro, onde faziam campeonatos de berlindes; o parque dos baloiços; a escada que ia dar ao miradouro e a pequena clareira onde, de vez em quando, os pássaros pousavam, enchendo o ar de cânticos.

Mas em nenhum desses sítios encontrou um único sinal que pudesse levar ao Júlio.

No coreto rodeado de gente, lá estavam as marionetas de que tanto gostava o amigo: Dona Conchita corria atrás do palhaço Bonifácio e Zacarias dançava com Estrelita.

À volta, as crianças riam à gargalhada.

- Temos de voltar à Assomada – disse Jorge a Leonor. O próximo autocarro saía dali a meia hora. Era o tempo de correrem até casa dele e retirarem umas moedas do mealheiro para pagar os bilhetes e ainda comprar pão, água e fruta para a viagem.

- Onde vão meninos? – perguntoulhes a mãe que estava muito entretida a costurar.

- Vamos passear, respondeulhe o Jorge, saindo a correr seguido pela Leonor.
Ainda puderam ouvir: “Juízo!”

O autocarro estava prestes a partir quando chegaram, entraram rapidamente e ocuparam os seus lugares.

Respiraram fundo quando o autocarro arrancou. A Leonor fechou os olhos, relaxando. Jorge foi observando a paisagem com a cabeça encostada à janela.

Absorto, não conseguia deixar de pensar:

- Que raio de mistério...onde estarás tu metido, Júlio?

SEM SINAL DE JÚLIO

E tentava lembrarse das mais pequeninas coisas vividas naquele dia e naquele sítio onde Júlio tinha sido visto pela última vez.

Em grupo, com os professores à frente tinham percorrido as várias bancas do mercado, assim que chegaram à Assomada. Viram peixes brilhantes e gordos, milho e feijão, legumes muito verdes e húmidos e frutas coloridas e com um cheiro intenso que as tornava ainda mais apetecíveis. Foi lá que compraram e saborearam mangas, daquelas pequeninas e cheias de sumo. Depois, a professora mandouos voltar ao autocarro e seguiram para a aldeia da Boa Entrada, a cerca de um quilómetro.

O Júlio sentouse num dos lugares da parte de trás do autocarro e os colegas que seguiam ao seu lado e à frente, recordam que ía muito animado, dizendo que tencionava escrever a melhor composição sobre aquela visita de estudo.

- Agora vamos ver a maior e mais antiga árvore de Cabo Verde, anunciara o professor. O autocarro percorreu uma estrada calçetada por entre povoados de onde as pessoas acenavam, sorridentes.

Até que o autocarro parou. Tinham chegado à Boa Entrada.

- Cautela, ao descer – recomendou o professor aos seus alunos.

O Júlio fora um dos últimos a sair, acompanhando o grupo que se dirigia, ansioso, para a majestosa árvore que é, hoje, uma atração turística.

Poilão ou “Pé di Polon” em crioulo, esta árvore situada no meio de um vale verdejante, existe há mais de cinco séculos.

Debaixo da sua copa, a cerca de 30 metros de altura, poderá abrigarse uma pequena multidão. As crianças observavam, admiradas, a imponente árvore. Faziam perguntas aos professores e muitas tiravam fotografias.

Foi só quando chegara a hora do regressarem ao autocarro que deram pela falta do Júlio.

Chamaram, procuraram por todo o lado, mas talvez lhes faltasse algum pormenor, algum detalhe... E era isso que Jorge e Leonor queriam agora explorar.

À PROCURA DE PISTAS

Desceram rapidamente do autocarro, assim que chegaram e encaminharam-se logo para o “Pé di Polon”. Enquanto o Jorge procurava com a máxima atenção em todos os recantos, Leonor subira a uma escadaria tentando avistar algum sinal mais longínquo do amigo.

Como nada de novo tivessem encontrado, resolveram ir falar com as gentes da aldeia. Alguns lembravam-se da visita de estudo e da algazarra das crianças. Mas ninguém tinha reparado ou falado com um rapaz sozinho e perdido, ninguém tinha encontrado um objeto ou qualquer sinal que levasse a Júlio.

Resolveram então ir ao mercado onde tinam iniciado a visita de estudo naquele dia. Talvez Júlio tivesse ali regressado, talvez alguém se lembrasse dele... Mas não. Ninguém tinha ideia de ter visto um rapazinho com as características do Júlio...

Desanimados, os dois amigos sentaram-se em silêncio esperando o autocarro de regresso à Praia. Jorge recordou mais uma vez com pormenor a véspera do desaparecimento do amigo.

Ambos tinham ido, como de costume, à matiné do Tonecas, na Praça, com as suas amigas Sofia e Leonor, e quando o espetáculo terminara a mãe da Sofia oferecera uma rodada de deliciosos donuts salpicados de açúcar, acompanhados de limonada. E como bem soubera, tão fresca que estava,

feita com os limões da Dona Miló, uma senhora de quem toda a gente gostava, que recolhia gatos e cães abandonados.

De regresso a casa, Jorge que ainda tinha os trabalhos de matemática para fazer decidira acompanhar a mãe, a Leonor e a Sofia que caminhavam à frente aos segredinhos e em grande risota.

Júlio, que era louco por donuts, decidiu que ficava mais um pouco. Queria falar com o senhor Luis, o homem que os vendia, mais conhecido pelo Torres e pedir-lhe que lhe ensinasse a receita.

E foi precisamente ele uma das primeiras pessoas com quem tinham ido falar, logo a seguir ao desaparecimento. Leonor foi a correr ter com ele. Podia ser que tivesse visto o Júlio.

... Que não, não sabia de nada... Naquele dia, recordava - ...ele queria saber da nossa arte...e eu expliquei que era fácil...à farinha juntase água e bate-se tudo muito bem...depois - continuou o Torres – ele foise embora, não sei de mais nada... Valhame Deus! O Júlio é muito popular aqui entre nós...fico muito incomodado...Se for preciso alguma coisa, contem comigo, eu tenho um cão perdigueiro que tem cá um faro e...

- Sim, sim, obrigada – interrompeu a Leonor, guardando o pedacito de papel onde apontara o número de telemóvel do Senhor Luis.

– Claro que sim... Se for preciso nós dizemos...

Foi a Sofia que falou com o Tonecas. Ele lembravase perfeitamente de ter visto o amigo entre o público, encantado, como sempre com a história e a habilidade dos engraçados bonecos de pau. Voltou a vê-lo no fim do espetáculo, nos bastidores, sorridente e fazendo perguntas sobre a forma como o palhaço Bonifácio se conseguia equilibrar no trapézio. Tinha sido a última vez que vira o Júlio.

A Polícia já tinha falado com muito mais gente. Com todos os colegas, com os pais, os tios, os vizinhos e os professores. E ainda com muitas pessoas da zona. E nada, ninguém se lembrava, não havia pista nenhuma sobre o paradeiro de Júlio.

O autocarro chegou finalmente e Jorge e Leonor sentaram-se nos seus lugares com um ar preocupado.

Também a Leonor se esforçava para se lembrar de todos os detalhes.

Quando chegaram à Praça, ela quedouse no meio do largo, com os olhos fixos no caminho ladeado de árvores, onde eles procuravam sombras nos dias de mais calor, enquanto comiam gelados. Era um caminho comprido que se estreitava, e onde tantas vezes brincavam às escondidas.

Com esta viagem pelas suas memórias, os dois amigos tinham-se distraído com as horas. É tardíssimo, gritou o Jorge. E desataram a correr para casa.

INSPETOR ZÉ MANEL

Havia uma visita na sala, quando o Jorge entrou. Um senhor de olhos azuis, muito bemposto, com um sorriso tranquilizador.

A avó Celestina, que também vivia lá em casa, oferecia-lhe uma apetitosa fatia de bolo de banana acabado de fazer.

- E um chazinho para acompanhar? perguntava.

Estava tão empenhada em ser o mais gentil possível, que nem se zangou com o Jorge pelo atraso.

- Ora aí estás tu – disse, quando ele se aproximou, afogueado.

- Este é o inspetor Zé Manel, da Polícia Judiciária, apresentou. E este é o meu neto, o Jorge, o amigo do Júlio.

O inspetor pousou o prato do bolo e estendeu-lhe a mão.

- Como estás?

Jorge apertou-lhe a mão em silêncio. Que emoção. Nunca tinha visto um polícia investigador. Só nos filmes. Usavam todos gabardina... Este não... quase de certeza que tinha uma pistola no bolso. E talvez algemas, quem sabe?

- Jorge, o senhor inspetor quer fazerte umas perguntas, explicou a avó Celestina.

- É sobre o Júlio, não é?

- É sim - disse o inspetor Zé Manel - Sentate aqui ao pé de mim.

Jorge sentouse, muito direitinho, um pouco tímido perante aquele homem tão calmo.

- E se me acompanhares com uma fatia de bolo?, sugeriu, interrogando a avó com o olhar. Sorridente, a avó Celestina levantouse de imediato e foi buscar outra grande fatia.

- Cuidado com as migalhas – recomendou, antes de sair da sala para deixar os dois a conversar à vontade.

- Delicioso este bolo... a tua avó é uma excelente doceira... Posso servirte um copo de sumo?

Jorge estava envergonhado e, ao princípio não falava, respondia só mexendo a cabeça para dizer que sim ou que não, mas sempre a sorrir.

- Lamento o que aconteceu ao teu amigo – começou por dizer o inspetor.

Jorge pôs uma cara triste e pensativa.

- Tu vais ajudarnos, à Polícia, a descobrir o teu amigo, não vais?

- Jorge abanou a cabeça afirmativamente.

- Então contame tudo do que te lembras. O que fez ele naquele dia? Sabes se ele tinha amigos novos, diferentes? Andava triste?

Jorge ia respondendo a tudo, primeiro timidamente e, aos poucos e poucos, cada vez mais à vontade.

Contou que Júlio tinha muitos amigos. Na escola fazia parte do Grupo de Teatro, do Clube de Leitura e nunca faltava às aulas de ginástica. Os professores gostavam todos dele.

- E inimigos? Sabes se tinha?

- Não. Nós sempre fomos amigos – desde a creche – e se tivesse, já me tinha contado...

- Achas que ele pode ter sido raptado?

- Foi????

- Não Jorge, sossega... sou eu também a pensar alto.

- Uma vez foram lá à nossa escola dois polícias e deram uma espécie de aula sobre os cuidados que os alunos deviam ter e ele sabia responder bem a tudo. Que não se entra em carros de desconhecidos, que se deve deixar sempre o contacto dos amigos com quem nos vamos encontrar, que não se dá a identificação nem a morada na Internet e que é melhor evitar os becos escuros, ele sabia isso tudo. Acho que não se deixava raptar.

- Quando foi a última vez que o viste?

- Durante o passeio da escola à Assomada, junto ao Pé di Pilon. Ele estava uns metros à minha frente e rodeava a árvore, observando o tronco e a copa, muito curioso. Ele é muito curioso, sempre foi! Depois distraí-me a falar com uns colegas e quando olhei já não o vi. Mas pensei que andava por ali, nunca me passou pela cabeça que tivesse desaparecido. Até o grupo dar pela sua falta, quando chegou a hora de voltarmos para o autocarro. E foi quando os professores começaram a chamar pelo seu nome que me comecei a assustar. E depois, chamámos todos por ele, os adultos e as crianças, mas ele não apareceu, contou o Jorge com lágrimas nos olhos.

- E o telemóvel? Tentaste contactá-lo?

- Tentei pois. Deixei mensagem e até agora, nada... Senhor Inspetor, o Júlio vai aparecer, não vai?

- Estamos todos a procurá-lo. Há que confiar. O importante é que todos nos ajudem, recordando os pormenores e falando de tudo o que sabem sobre ele... Por exemplo, do que é que costumavam falar?

- Bem, de tudo um pouco. o Júlio andava sempre a dizer que gostava de dar a volta ao mundo...e que gostava de fazer um cruzeiro.

O toque do telefone cortou abruptamente a conversa.

- Sim, sim, sou eu... Diga, por favor! Estou precisamente em casa do Jorge, o seu melhor amigo. Mais alguma pista? Oh não! – gritou furioso o Inspetor – Fiquei sem bateria....

O Jorge era um miúdo muito solícito e tratou logo de ir procurar um carregador para que o inspetor restabelecesse ligação com os colegas.

Zé Manel aproximouse da janela e olhou demoradamente na direção da praça. Ainda se via com nitidez o recorte das árvores com as folhas balouçando ao vento. Em breve a noite cairia mergulhando tudo no escuro. E o Júlio sem aparecer.

Jorge entrou a correr na sala, já com um carregador que servia na perfeição para o telemóvel do inspetor que o colocou de imediato na tomada. Enquanto esperava que tivesse bateria suficiente para ligar ao colega, resolveu testar o conhecimento do menino sobre o desaparecimento de crianças.

- Quando uma criança desaparece, sabes o que tens de fazer? - perguntoulhe o inspetor.

- Avisar a Polícia? perguntou o Jorge.

- Isso! Ligar para o **134** o número de emergência da Polícia Judiciária de Cabo Verde e dar todas as informações possíveis! É muito, muito importante para ajudar o trabalho dos agentes. Também se pode ligar para o **800 10 20, para a Linha "Disque e Denuncie"** do Instituto Caboverdiano da Criança e do Adolescente, o ICCA. Eles ajudam. Sabias?

- Não, não sabia...

- Nunca ninguém te falou nisso? Ninguém vos explicou isto, lá na escola?

- Não... pelo menos, não me lembro...

- Achas que o Júlio também não sabe que pode ligar para estes números a pedir ajuda?

- Ele sabe muita coisa mesmo, mas não sei se se lembra que se ligar o **134** ou o **800 10 20** o podem ajudar...

O inspetor Zé Manel abanou a cabeça silenciosamente durante um bocado. Não percebia porquê que as escolas não educavam as crianças para se defenderem destes perigos. Quando é que isso entraria na rotina?

Aproveitou para dar mais informação ao Jorge sobre o assunto.

- Na Europa, já há uma linha de emergência, assim como existe o 112, para as crianças desaparecidas que os seus amigos, os seus pais, professores, ou qualquer adulto podem utilizar.

- Ah, também não sabia... E qual é o número?

- É um número único europeu, muito fácil de decorar. É o **116 000**. Se uma criança estiver perdida ou for raptada, liga este número e pede ajuda. Assim como qualquer adulto que esteja preocupado com o desaparecimento de uma criança, deve usá-lo – prosseguiu o inspetor Zé Manel, apreensivo com o desconhecimento do Jorge.

- Em Portugal, há também uma aplicação para os telemóveis ... chamase “Miudos no Radar – sempre alerta, sempre perto”, prosseguiu o inspetor. Jorge estava muito curioso.

- Esta aplicação permite aos pais, professores ou educadores lançar o alerta do desaparecimento de uma criança diretamente para a GNR e para a Associação Portuguesa de Crianças Desaparecidas. Esse alerta inclui a identificação e a fotografia atual da criança e permite à Polícia saber de que criança se trata e quais as coordenadas de GPS do local de onde foi lançado esse alerta. Uma criança mais velha que tenha um telemóvel mais sofisticado, se se perder ou for raptada, pode ela própria lançar o alerta e a Polícia saberá imediatamente quais as coordenadas GPS de onde o alerta foi disparado.

- A sério? – perguntou o Jorge, muito admirado, porque não fazia ideia de que esse sistema existia.

- São informações muito úteis que podem salvar a vida de muitas crianças. Podes passar a palavra ao maior número de amigos teus e também de adultos.

- Vou contar a todos os miúdos que puder...

- Sim, agora voltemos ao Júlio, disse, marcando um número.

- Está, Zé Manel? - perguntaram do outro lado – temos aqui uma informação de que o miúdo foi visto a caminho do cais. Um estivador veio cá e descreveu o miúdo. Contou que transportava um carrinho com carga para colocar no porão de um barco e, ao passar na estrada que vai dar aos barracões, viu o Júlio caminhando na direção do navio que aportou há tempos aqui no cais. Diz que lhe perguntou se aquele navio era o dos cruzeiros e que tem a certeza que é ele.

- Então, vamos lá, sabem o que têm a fazer.

E despedindo-se do Jorge com um aperto de mão, saiu apressadamente porta fora.

Jorge continuou uns tempos sentado repetindo: **134, 800 10 20, 134, 800 10 20**, para não se esquecer.

SEM PISTAS

Na Polícia a preocupação era grande. O chefe estava impaciente. Como era possível não haver resultados ainda?

- Ainda não há nada? – perguntava, aborrecido.

- Nada – respondiam os inspetores embaraçados por ainda não terem conseguido nenhuma pista.

Não havia um único indício, nenhum sinal que explicasse o que acontecera ao Júlio. Os dias passavam e as respostas não vinham. Onde estaria o rapaz? interrogavam-se os polícias.

Já era hora de jantar mas ninguém parara de trabalhar. Analisavam mapas, depoimentos de testemunhas, fotografias. Nos casos de crianças desaparecidas, não há tempo a perder, há que andar rápido. Cruzar informações, ir aos locais e ouvir toda a gente.

É todo um trabalho em rede que, além da Polícia, envolve a Medicina Legal, os peritos, os tribunais... Uma vasta equipa trabalha em conjunto para descobrir a verdade no mais curto espaço de tempo.

Quando o Inspetor Zé Manel chegou, apressado, já dois colegas o esperavam trincando uma pizza para lhe contar em pormenor o que dissera o estivador.

- Quero interrogá-lo – decidiu. Vão buscá-lo, pediu aos outros inspetores, enquanto se dirigia para a sala de reuniões onde a jovem Susana, a nova estagiária que acabara recentemente o curso da PJ, também o esperava. Ela pedira para falar com ele, porque tinha um dado que achava poder ser muito útil no caso do desaparecimento de Júlio.

- Vamos lá ver o que a Susaninha descobriu – pensou Zé Manel, divertido e pouco crente da importância da informação.

Susana estava a beber café, à frente do computador. Levantouse entusiasmada, com uma folha de papel na mão, quando Zé Manel entrou.

- Acho que tenho uma informação que pode esclarecer todo este mistério, disse.

- Conta, respondeu o inspetor com a tranquilidade que o caracterizava.

- O pai do Júlio ligou às 20h30 para informar que tinha recebido uma mensagem no telemóvel em forma de código:

A ALEGRIA VALE 2 000 000 DE ESCUDOS

- É um pedido de resgate, não acha? Temos de decodificar esta mensagem, dizia, quase gritando.

- Calma, disse Zé Manel, examinando o papel demoradamente. Nem tudo o que parece, é.

- Mas temos que analisar esta mensagem, não? – perguntava Susana, meio desapontada, por Zé Manel não demonstrar o mesmo entusiasmo que ela sentia.

Foram interrompidos pela Herlandina, a informática, que entrou de rompante, ainda a rir da anedota que a telefonista lhe contara.

- Mas olhem lá, hoje ninguém janta? É só pizza? Estou cheia de fome, pá...

Zé Manel parecia não a ter ouvido. “Isto cheirame a esturro...”, disse, continuando com os olhos postos na frase que Susana escrevera à mão.

- Pois cheira, cheira – respondeu Herlandina a rir.

A que na sala ao lado, na assadeira de barro que a colega Lúcia levava, o chouriço já estava completamente esturricado....

VASCO

Foi fácil chegar ao autor da mensagem. Hoje a Polícia já usa poderosas ferramentas para investigar a atividade da Internet e dos telemóveis. Com a preciosa ajuda da Herlandina, perita em computadores, dois dias depois o inspetor Zé Manel acompanhado pela jovem Susana estavam a bater à porta de Vasco, um jovem vizinho dos pais de Júlio.

A mãe ficou muito surpreendida quando abriu a porta e deu com dois inspetores da Judiciária pedindo para falarem com Vasco.

- Meteuse nalgum sarilho? perguntou, assustada, enquanto os encaminhava para o quarto do filho.

Mas os investigadores não responderam.

Vasco, um rapaz dos seus 15 anos, ainda estava de pijama - apesar de já ser quase meiodia – absorto, à frente do computador. Olhou intrigado para os inspetores, quando eles entraram e se apresentaram.

A sua expressão mudou quando lhe comunicaram ao que iam. Jurou que só conhecia o Júlio de vista, assim como os pais, que nunca falara com eles e que não sabia nada do seu desaparecimento.

- E desta mensagem, também não sabe? – perguntou a Susana, mostrandolhe o ecrã do telemóvel do pai do Júlio.

Vasco desviou o olhar, parecendo incomodado. “Sei lá ...”, disse, olhando pela janela, lá para fora e corando um pouco.

Ouve - chamou Zé Manel, com voz firme – Nós já sabemos que foste tu que mandou a mensagem ao pai do Júlio, não vale a pena negares. O que queremos é que nos expliques o motivo pelo qual o fizeste e o que pretendes.

Fezse um prolongado silêncio. Vasco, de cabeça baixa, murmurou:

- Eu não queria prejudicar ninguém, foi só uma brincadeira.

Levantou a cabeça e olhando para os polícias, continuou:

- O caso do desaparecimento do Júlio temme impressionado muito, tenho lido tudo na Internet e pensei que seria divertido mandar esta mensagem misteriosa. Uma vez vi um filme fabuloso sobre um resgate... – sorriu.

Zé Manel interrompeu:

- Não te rias porque não tem piada nenhuma, disse, levantando a voz, zangado. Essa tua brincadeira tirou tempo à Polícia para investigar o caso, desviou as pessoas para virem falar contigo em vez de continuarem a procurar o Júlio, isso não se faz. Que nunca mais se repita, avisou o inspetor, levantandose. Susana seguiu de imediato.

No corredor, a mãe esperava ansiosa.

- Vão prender o meu filho? – perguntou, preocupada.

- Fique descansada, não vamos levá-lo, já lhe demos um raspanete. Agora, aceite um conselho: não o deixe tanto tempo à frente do computador, disse Zé Manel, despedindose.

- Raio do puto, barafustou o inspetor, já na rua, a caminho da Polícia.

- Expliqueme só, como descobriu que ele estava a mentir quando disse que não sabia nada do caso e viu logo que tinha sido ele a mandar a mensagem, perguntou a Susana com admiração, acompanhando o seu passo apressado.

Experiência. Experiência. São muitos anos a virar frangos... respondeu Zé Manel, divertido.

O estivador estava sentado na sala da Lígia, à espera deles, quando chegaram. Apesar das janelas abertas, ainda se sentia o cheiro do chouriço esturricado.

- Aqui estão eles, finalmente- comunicou a Lígia, levantandose e deixandoos com o homem.

- Então foi o senhor que viu o Júlio?

- Sim senhor, perguntou-me se o navio que estava atracado fazia cruzeiros e abalou.

- Quando o encontrou?
- Na quarta-feira.
- E que horas eram, recordase?
- Deviam ser para aí umas 11h00 da manhã ...
- Muito bem... Reparou como ele ía vestido?
- Tinha um kispo com capuz...

A Susana ía apontando tudo num caderno.

- Tem a certeza que era ele?
- Absoluta, a certeza absoluta, respondeu o estivador.

O inspetor Zé Manel levantouse e foi buscar um conjunto de fotografias de rapazinhos. Colocou seis à frente do homem.

- Destes miúdos, qual deles é? – perguntou.

O estivador olhou para as fotografias alinhadas em cima da mesa durante algum tempo. Tossiu, hesitou e apontou para uma delas.

- Foi este – disse. É o Júlio.

Zé Manel fixou os olhos nos olhos dele.

- Está certo?

- Certíssimo.

O inspetor fez uma pausa.

- Não, não está, respondeu. Nenhum deles é o Júlio. Pode ir, obrigado.

Ainda o ouviu a insistir:

- Estou a dizer-lhe que era o Júlio... está a ouvir?

Mas Zé Manel já estava no fundo do corredor. Ao lado, Susana tentava mais uma vez acompanhar o seu passo rápido.

- Estes tipos, protestou Zé Manel... é sempre a mesma coisa. Quando há um desaparecimento ou um homicídio resolvem inventar que foram testemunhas ou autores dos crimes.

- Mas por que raio fazem isso? – perguntou a Susana.

- Precisam de atenção, esclareceu Zé Manel. Entretanto, fazem a polícia perder tempo...Foi um dia perdido, foi o que foi. E o Júlio continua desaparecido. Por onde andarás o miúdo?

JÚLIO APARECE

Eram 16h00 quando o caminheiro Francisco, dos escuteiros de Santa Catarina, entrou no Hospital Regional de Santiago Norte acompanhado de um menino com um ar curioso e um tanto assustado.

- O que se passa? – quis saber a enfermeira Joana, da triagem.

- Chegámos agora do Tarrafal... começou a explicar o escuteiro. E apontando para o rapazinho que olhava para tudo à volta com muita atenção, disse que estava muito preocupado com o seu estranho comportamento. Regressavam de um acampamento de dez dias em que ele notara grande dificuldade de adaptação do miúdo, o Pedro, o mais recente elemento dos escuteiros. Tentara ligar aos pais, mas a chamada ia parar à caixa do correio. Ele entrara no autocarro sem mochila e nunca se lembrava de nada. E o mais preocupante de tudo é que, à chegada a Santa Catarina fora a única criança que não tinha os pais à espera. Francisco tentou ligar aos pais, mas como habitualmente o telefone estava desligado. De certeza que o número que tinham apontado estava errado. Oferecerase então para o levar a casa, mas ele não sabia a morada.

- Sei lá, é como se tivesse perdido a memória, explicava o caminheiro enquanto o pequeno Pedro tinha toda a sua atenção concentrada no choro de uma menina que se debatia para não levar uma injeção.

- Mas que situação mais estranha – disse a enfermeira Joana, anotando tudo – Espere na sala que já o vão chamar.

No gabinete 2, a dra. Teresa ouviu toda a história com atenção e ligou de imediato para o experiente neurologista de serviço, o dr. António Alberto.

Como em todos os hospitais, havia ali um posto da polícia para os casos de agressão ou para fazer queixa de alguma situação.

Nesse dia, era a agente Mariana que estava de serviço. Atenta como era, a cara do rapazinho não lhe pareceu nada estranha.

- Eu conheço este miúdo – pensou.

- Mas de onde, caramba? De onde? – tentava recordarse. Nisto, olhou para a fotografia do folheto que fora distribuído pelas esquadras e fez-se luz na sua cabeça. Deu um grito.

- O Júlio! É o Júlio! Concluiu excitada. Chamou a sua colega Inês.

- O que te parece? Não é o miúdo?

- Não há dúvida. É ele, é o Júlio.

Pegou no telefone e ligou de imediato para a Polícia Judiciária.

- Inspetor André, diga por favor.

- André, daqui Inês, do posto da PSP do hospital. O Júlio, o rapaz que vocês procuram, está aqui. É melhor virem já...

O miúdo já estava a ser observado pelo dr António Alberto quando o inspetor Zé Manel chegou.

- Dóite a cabeça? – perguntava o médico.

- Quantos anos tens? O teu nome completo? Que dia é hoje?

A tudo, o menino respondia:

- Não sei...

- É um quadro aparente de amnésia - esclareceu o neurologista, dando indicações para que fizesse imediatamente uma TAC.

- Posso entrar? Perguntou o inspetor.

Estava já a fechar a porta, quando avistou a Susana, no fundo do corredor, a correr, afogueada, em direção ao gabinete.

- Ai não me diga que o miúdo apareceu ...

- Entre lá, disselhe Zé Manel, impaciente. E mal fechou a porta, a enfermeira Joana voltou a bater à porta.

- Peço desculpa. Estão aqui os pais do rapaz desaparecido.

A polícia já lhes pedira para irem ao hospital identificar a criança.

- Júlio!, gritou a mãe, assim que entrou, abraçando-o a chorar.

- Ó Júlio...! exclamou o pai, suspirando de alívio.

O menino olhava para eles surpreendido e em silêncio. Abraçaram-no com força e de repente, ele desatou num choro e atirouse ao pescoço dos pais a chorar.

- Mamã! Papá!

Quem não percebia nada era o caminheiro Francisco, olhando insistentemente e espantado para a lista dos nomes dos lobitos que tinham ido para o Tarrafal.

- Então mas ele não é o Pedro? Não se chama Pedro?

- Nós temos de falar, disselhe Zé Manel.

Numa sala ao lado, Francisco sentouse à frente do inspetor e recordou como tudo se passara. O miúdo era a cara chapada de outro, que entrara muito recentemente nos escuteiros, o Pedro. No dia da partida para o Tarrafal, ele juntarase ao grupo reunido em frente do mercado da Assomada que estava prestes a partir, mesmo à última hora.

- Pedro Miguel! Então só agora é que chegas? Não há relógio em casa? Olha lá, a tua mochila?

Desorientado, ele não sabia dela. O autocarro estava mesmo, mesmo a partir. Não havia tempo a perder.

Anda lá, temos que nos desenrascar, paciência.

E Pedro, ou seja, Júlio, fora literalmente empurrado para dentro do autocarro sem mochila e sem documentos. Durante aqueles dias no acampamento, ele parecia sempre ausente, muito distraído, mas todos acharam que era normal porque, afinal, acabara de chegar aos escuteiros. Francisco e os chefes

sódesconfiaram quando ele não conseguia lembrar-se do nome da escola ou dizer se tinha irmãos.

- Isto já não é de um miúdo da idade dele – diziam.

Quando chegaram à Assomada e viram que ninguém o esperava e que ele não sabia dizer onde morava e parecia mais apático do que nunca, tinham resolvido levá-lo ao hospital, mas pensando sempre que se tratava do Pedro.

- Bem, temos de falar com o miúdo, disse Zé Manel a Susana.

Voltaram ao gabinete médico e pediram a Júlio para lhes contar tudo aquilo de que se lembrava. Aninhado ao colo do pai, o miúdo foi recordando:

- Naquela tarde, eu estava fascinado a observar o Pé di Polon. Nunca tinha visto uma árvore tão grande. Andava em seu redor tocando no seu tronco gigante e descobrindo os cantos mais frescos debaixo dos seus ramos compridos cheios de folhas verdes. Estava distraído a contar as aves que cantavam no meio dos ramos, quando ouvi gritos.

- Socorro! Socorro! Emily! Emily! Volta aqui! Ai a minha cadela!

- Eu adoro animais e principalmente cães, como todos sabem. Queria ajudar e desatei a correr atrás da cadela. Ela era muito rápida. Sempre a correr, atravessou o parque, passou pela esplanada e começou a subir a escadaria. Eu, sempre atrás dela ... De repente, meteuse num caminho estreito de terra batida atravessado por uma ribeira. Apanhada de surpresa, ela quis saltar mas, pumba! caiu à água. Dizem que todos os cães sabem nadar mas, na dúvida, eu atireime logo, sou bom nadador e consegui salvá-la.

A dona chegou logo atrás, ofegante e, emocionada, abraçounos. A Emily sacudi a água toda do pelo e molhoua mas a senhora estava muito feliz e nem se importou.

- Muito obrigada, meu rapaz, és muito corajoso, disseme ela. Depois, seguiu em frente com a cadelinha ao colo.

Eu decidi voltar ao Pé di Polon, para junto dos meus colegas. Mas não encontrava o caminho. Andei, andei, andei... e parecia cada vez mais distante. O sol estava muito quente e depressa a roupa que eu trazia molhada por causado

mergulho na água, secou. Estava completamente perdido e com medo. De repente, tropecei, meti um pé num buraco, caí, bati com a cabeça com toda a força no chão e desmaiei. Não sei quanto tempo estive assim, mas acordei atordoado e confuso, sem me lembrar de nada. Nem quem era, nem onde estava. Não tinha nada, comigo, nem telemóvel, porque tudo ficara no autocarro. Continuei a andar e, não sei como, fui parar ao largo junto ao mercado onde estava o grupo de escuteiros. Mal cheguei, começaram a chamarme “Pedro Miguel! Pedro Miguel! Despachate!” e de repente, estava a caminho do Tarrafal.

Júlio lembrara-se de tudo. Estava aliviado, mas ainda assustado e sentia-se muito cansado.

Estava resolvido o mistério que tinha sido a principal notícia dos jornais e da televisão dos últimos dias e que não deixara dormir os pais e a Polícia. Ele não tinha sido raptado, nem fugido em nenhum barco.

- Felizmente que não é preciso prender ninguém, disse o inspetor Zé Manel.

Foram interrompidos pelo neurologista António Alberto que trazia os exames na mão.

- Trata-se de stress pós traumático, disse, sem ainda saber das novidades.

- Júlio viveu emoções muito fortes em muito pouco tempo e isso, associado à pancada na cabeça quando caiu provocou-lhe amnésia.

- Já se lembrou de tudo, informou o inspetor.

- Isso é ótimo, reagiu sorridente o médico. Foi o resultado da intensidade do reencontro com os pais, com certeza, Mas deve ter agora o máximo de repouso para recuperar como deve ser, recomendou.

- É mesmo bom, este médico, pensou Susana.

Júlio, que estava sempre pronto para passear e viver aventuras, nunca gostou tanto de entrar em casa. A irmã correu para ele e abraçou-o longamente.

O Júlio tinha finalmente aparecido!

Os telemóveis não paravam de tocar e os amigos chegavam, uns atrás dos outros, felizes com a boa notícia, prontos para partilhar um rico lanche. A Sofia

ea Leonor traziam doce de leite, o Jorge, feliz, o delicioso bolo de côco ainda fumegante da avó Celestina. O Manel e a Mafalda, um cesto de mangas e uma caixa de gelado. E até a Catarina apareceu com os seus três meninos – o Sebastião, o Tomás e o Diogo – para festejar o regresso do amigo desaparecido.

A televisão já estava a dar a notícia, com depoimentos dos professores e colegas da escola muito excitados, contando como eram divertidas as brincadeiras com o Júlio.

Estavam todos a ver, quando bateram à porta. Tinham uma visita ilustre: Uma senhora elegante, de chapéu. Era Alice, a poetisa, muito famosa pelos livros de versos que escrevia. Ao seu lado, vinha uma cadelinha cor de mel cheirando tudo. Júlio ficou muito surpreendido. Era Emily a cadela que ele salvara. Não fazia ideia que a sua dona era uma pessoa tão célebre.

Vinha agradecer.

- Graças ao Júlio, tenho a minha cadelinha comigo, que é o que mais amo na vida. O mínimo que posso fazer é oferecer ao Júlio e à sua família e amigos um cruzeiro por todas as ilhas de Cabo Verde!

Todos bateram palmas e o miúdo saltou de alegria. E era aos pulos que estava quando a campainha voltou a tocar.

A mãe de Júlio estava tão feliz com o seu regresso são e salvo que nem se importou com o barulho e o movimento das pessoas a entrar. Desta vez era uma equipa de jornalistas da televisão.

- Boa tarde, queríamos entrevistar o Júlio para o jornal da noite, pode ser?

- Claro, disse o rapaz, contente por poder aparecer na televisão. A jornalista estava a retirar o microfone quando reparou em Alice repimpada num cadeirão.

- Mas não é Alice, a poetisa? Perguntou a repórter, entusiasmada. Não me diga que tem alguma coisa a ver com esta história... dános o seu depoimento? perguntou, desejosa de não perder a “caxa”, a grande novidade, no telejornal.

Mas a poetisa devolveu a pergunta com outra pergunta:

- Posso falar para a câmara? Já está a gravar? E levantouse ajeitando o chapéu.

Esclareceu:

- Eu doulhe um depoimento, mas em verso.

- Silêncio, pediu a jornalista, radiante. Vamos gravar!

E Alice, com a Emily ao colo, começou:

A história que vou contar

Tem magia e aventura

Tem alegria e mistério

Tem medo e muita doçura

Júlio tinha bons amigos

Jorge, Sofia e Leonor

Brincavam todos os dias

Fizesse frio ou calor!

Um dia foi passear

Ver uma árvore gigante

Ficou parado a pensar:

- *Vou sempre sonhar
adiante*

De repente ouviu gritar

Salvou uma cadelinha

E é aqui, neste ponto, que a história se complica

E vem gente muito séria, com luvinhas de pelica.....

E lá ficou ela declamando para a câmara perante o olhar divertido do Júlio.

FIM